

Índice

1. Um Vizinho Zangado	9
2. Vender à Pressa e Arrepende-Se devagar	20
3. Em Casa do Sr. Harrison	27
4. Opiniões Diferentes	35
5. Uma Mestre-Escola em pleno	41
6. Todos os Homens — e Mulheres — de Qualquer Condição	49
7. O Sentido do Dever	61
8. Marilla Adota Gémeos	68
9. Uma Questão de Cor	79
10. Davy à procura de Uma Sensação	87
11. Factos e Fantasias	99
12. Um Dia Aziago	109
13. Um Piquenique Dourado	118
14. Um Perigo Evitado	130
15. O Início das Férias	143
16. O Fundamento das Coisas Que Se Esperam	152
17. Um Capítulo de Acidentes	160
18. Uma Aventura na Estrada dos Conservadores	172
19. Apenas Um Dia Feliz	183
20. Como Tantas Vezes Acontece	196

21. A Encantadora Miss Lavendar	205
22. Coisas Avulsas	219
23. O Romance de Miss Lavendar	225
24. Um Profeta na Sua Própria Terra	233
25. Um Escândalo em Avonlea	243
26. Ao Virar da Curva	257
27. Uma Tarde na Casa de Pedra	270
28. O Príncipe Regressa ao Palácio Encantado	283
29. Poesia e Prosa	295
30. Um Casamento na Casa de Pedra	303
Notas de Tradução	313

CAPÍTULO I

Um Vizinho Zangado

Era alta e delgada aquela rapariga, a caminho dos dezassete, de olhos cinzentos e sérios, e cabelo que os seus amigos diziam ser acobreado, que numa cálida tarde de agosto se sentava no largo degrau de arenito vermelho de uma casa rural na Ilha do Príncipe Eduardo com o firme propósito de analisar uns quantos versos de Virgílio.

Mas uma tarde de agosto, com brumas azuis envolvendo as colheitas nas encostas, brisazinhas a sussurrar travessuras nos choupos e o esplendor flamejante das papoilas bailando contra o escuro bosque de abetos jovens num canto do cerejal — tarde assim era mais dada a sonhos do que a línguas mortas. Descurado, Virgílio depressa resvalou para o chão, e Anne, de queixo apoiado nas mãos entrelaçadas e o olhar na esplêndida massa de nuvens fofas que se empilhavam qual montanha branca acima da casa do Sr. J. A. Harrison, estava bem longe, num mundo delicioso onde uma certa professora desenvolvia um labor maravilhoso, moldando os destinos de futuros homens de estado e incutindo exaltadas ambições em mentes e corações juvenis.

Na verdade, olhássemos para a realidade pura e dura — coisa que, admita-se, Anne raramente fazia até ser obrigada — não pa-

recia provável que na escola de Avonlea houvesse muito material promissor para celebridades; mas nunca se podia prever o que sucederia se uma professora usasse a sua influência para o bem. Anne tinha alguns ideais cor-de-rosa sobre o que uma professora poderia conseguir se procedesse da forma correta; e estava imersa numa cena encantadora, quarenta anos mais tarde, com alguém famoso — o que o tornaria famoso permanecia convenientemente vago —, mas Anne pensava que seria simpático se fosse o reitor de uma universidade ou um primeiro-ministro do Canadá e se curvasse para a sua mão enrugada assegurando-lhe que fora ela quem primeiro lhe despertara a ambição e que todo o seu sucesso ao longo da vida se devia às lições que ela instilara outrora na escola de Avonlea. Esta agradável visão ruiu por completo com a mais desagradável das interrupções.

Uma pequena vaca Jersey recatada desceu pela vereda em trote curto e, cinco segundos mais tarde, chegou o Sr. Harrison — se “chegou” não for uma palavra demasiado suave para descrever o modo como irrompeu pelo quintal.

Pulou por cima da vedação sem se demorar a abrir o portão e confrontou de modo zangado uma Anne atónita, que, entretanto, se levantara e o olhava, perplexa. O Sr. Harrison era o novo vizinho, e ela nunca se encontrara com ele, embora já o tivesse visto uma ou duas vezes.

No início de abril, antes de Anne regressar da Academia da Rainha, o Sr. Robert Bell, cuja quinta confinava com a dos Cuthbert a oeste, tinha vendido tudo e mudara-se para Charlot-tetown. A sua quinta fora comprada por um tal Sr. J. A. Harrison, do qual apenas se sabia o nome e que era de Nova Brunswick. Mas, antes de estar há menos de um mês em Avonlea, já ganhara a reputação de ser uma pessoa estranha — um “rezingão bizarro”, dizia a Sra. Rachel Lynde. A Sra. Lynde era uma mulher sem papas na língua, como recordarão aqueles que já tiveram a oportu-

tunidade de a conhecer. O Sr. Harrison era, de facto, diferente das outras pessoas — e, como todos sabem, essa é a característica essencial de um excêntrico.

Antes de mais, era ele quem tratava da sua casa e já afirmara publicamente que não queria mulheres patetas perto dos seus aposentos. As habitantes de Avonlea vingaram-se contando coisas terríveis sobre a forma como cozinhou e governava a casa. Tinha contratado o pequeno John Henry Carter de Areal Branco e fora John Henry quem dera início às histórias. Para começar, nunca havia uma hora fixa para as refeições na quinta Harrison. O Sr. Harrison “comia qualquer coisa” quando sentia fome, e, se John Henry estivesse por perto nessa altura, podia partilhar, mas, se não fosse esse o caso, tinha de esperar até ao novo momento de fome do Sr. Harrison. John Henry declarava desoladamente que teria morrido à fome se não viesse a casa aos domingos e se empanturrasse bem e que a mãe lhe dava sempre um cesto de “comidinha” para levar de volta às segundas de manhã.

Quanto a lavar a louça, o Sr. Harrison nunca demonstrava intenção de o fazer, a menos que viesse um domingo chuvoso. Então, virava-se a ela e lavava-a toda de uma vez no barril da água da chuva e deixava-a a escorrer.

Além disso, o Sr. Harrison era “agarrado”. Quando lhe pediram que contribuísse para o salário do Reverendo Allan, disse que primeiro tinha de esperar para ver quanto valia em dólares o bem que retirava dos seus sermões — não acreditava em fazer compras às cegas. E quando a Sra. Lynde lá foi pedir uma contribuição para as missões — aproveitando para ver o interior da casa — ele disse-lhe que havia mais pagãs entre as bisbilhoteiras de Avonlea do que em qualquer outro local que ele conhecesse e que contribuiria de bom grado para uma missão que as cristianizasse se ela tomasse isso a seu cargo. A Sra. Rachel retirou-se rapidamente e disse que era uma bênção a pobre Sra. Robert Bell estar a salvo

no túmulo, pois ficaria de coração partido ao ver o estado daquela casa em que ela costumava ter tanto orgulho.

“Pois se ela esfregava o chão da cozinha dia sim, dia não”, contou a Sra. Lynde a Marilla Cuthbert, toda indignada, “e se pudessem vê-lo agora! Tive de segurar as saias para poder andar por lá.”

Por fim, o Sr. Harrison tinha um papagaio chamado *Ginger*. Nunca alguém de Avonlea tivera um papagaio; em consequência, tal procedimento era considerado pouco respeitável. E que papagaio! A acreditar nas palavras de John Henry Carter, não podia haver papagaio mais ímpio. Praguejava terrivelmente. A Sra. Carter teria tirado de lá o filho se tivesse a certeza de encontrar outro emprego para ele. Além disso, *Ginger* tinha arrancado à dentada um pedaço da parte de trás do pescoço de John Henry, num dia em que ele se curvara demasiado perto da gaiola. A Sra. Carter mostrava a marca a toda a gente sempre que o infeliz John Henry ia a casa aos domingos.

Tudo isto perpassou pela mente de Anne enquanto o Sr. Harrison a encarava mudo de raiva. Mesmo no seu estado mais afável, o Sr. Harrison não podia ser considerado um homem bem-parecido; era baixo, gordo e careca; e neste momento, com a cara redonda roxa de cólera e os protuberantes olhos azuis quase a saltarem-lhe das órbitas, Anne pensou que ele era realmente a pessoa mais feia que alguma vez vira.

De repente, o Sr. Harrison recuperou a voz.

“Não vou aturar isto”, vociferou ele, “nem mais um dia, está a ouvir, menina. Valha-me Deus, esta é a terceira vez, menina — a terceira vez! A paciência já deixou de ser uma virtude, menina. Avisei a sua tia da última vez para não deixar isto acontecer de novo — e ela deixou... ela fê-lo... o que pretende ela com isto, é o que quero saber. É por isso que aqui estou, menina.”

“Pode explicar-me qual é o problema?”, perguntou Anne na sua pose mais digna. Nos últimos tempos tinha-a praticado conside-

ravelmente para a ter bem apurada quando a escola começasse; mas não parecia surtir qualquer efeito no zangado Sr. Harrison.

“Quer saber qual é o problema? Valha-me Deus, um problema e tanto, diria eu. O problema é, menina, que eu encontrei outra vez a vaca Jersey da sua tia no meu campo de aveia, há menos de meia hora. Pela terceira vez, tome nota. Encontrei-a lá na última terça-feira, encontrei-a lá ontem. Vim aqui e disse à sua tia que não deixasse que acontecesse outra vez. E ela *deixou* que acontecesse outra vez. Onde está a sua tia, menina? Só a quero ver por um instante e dizer-lhe o que tenho a dizer sobre isso... o que J. A. Harrison tem a dizer, menina.”

“Se se refere à Sra. Marilla Cuthbert, ela *não* é minha tia, e foi a Grafton Nascente visitar uma parente afastada que está muito doente”, disse Anne com o devido acréscimo de dignidade a cada nova palavra. “Lamento muito que a minha vaca tenha invadido o seu campo de aveia... a vaca é minha, não da Sra. Cuthbert — o Matthew deu-ma há três anos, quando ainda era uma vitelinha e comprou-a ao Sr. Bell.”

“Lamenta, menina! Lamentar não vai resolver nada. Devia era ir ver os estragos que esse animal fez na minha aveia — esmagou-a desde o meio até às bordas, menina.”

“Lamento muito”, repetiu Anne com firmeza, “mas, se mantivesse a sua vedação em melhor estado, talvez a *Dolly* não tivesse conseguido forçar a entrada. É a sua parte da vedação que separa o seu campo de aveia da nossa pastagem, e eu reparei no outro dia que ela não estava em muito boas condições.”

“A minha vedação está muito bem”, retorquiu o Sr. Harrison mais zangado do que nunca com o transpor da guerra para o campo do inimigo. “A vedação de uma prisão não conseguiria manter fora um demónio de vaca como aquela. E posso dizer-lhe, sua amostra de ruiva, que, se essa vaca é sua, como diz, o melhor seria mantê-la longe dos cereais das outras pessoas em